

O jornalismo literário na narrativa de Ryszard Kapuściński: uma análise da obra *Minhas Viagens com Heródoto*¹

Gisele Cristiane Urnau dos PRAZERES²

Carlos Eduardo Menegazzo CANANI³

Luiz Henrique ZART⁴

Universidade do Planalto Catarinense, Lages, SC

RESUMO

Este artigo apresenta quais características do jornalismo literário estão presentes na obra ‘Minhas viagens com Heródoto’ de Ryszard Kapuściński, dono de um modelo de jornalismo humanista. Para tanto, utiliza-se de uma pesquisa exploratória, características do gênero literário, além de uma breve biobibliografia do autor e suas implicações para o livro analisado, preenchendo uma possível lacuna teórica para a área.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Ryszard Kapuściński; *Minhas Viagens com Heródoto*.

Introdução

A presença do jornalismo literário destaca-se como alternativa aos modelos da imprensa tradicional, tendo em vista a superficialidade do factual. Parte desse jornalismo com aspectos da literatura está presente na obra do polonês Ryszard Kapuściński. Um historiador-jornalista que, a partir de sua carreira como correspondente internacional, totalizou 21 obras publicadas, as quais tratam de suas inúmeras vivências nos tantos países que visitou, sob um olhar carregado de sensibilidade e uma narrativa constituída sob aspectos literários.

Isto posto, a pesquisa teve como objeto de estudo a obra *Minhas Viagens com Heródoto*, de Ryszard Kapuściński, com o objetivo e a problemática direcionados a verificar a presença das características do jornalismo literário em uma produção jornalística. A partir disso, o estudo traz alguns conceitos acerca do que é o jornalismo

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), Lages/SC. E-mail: giselecrisianeurnau2011@hotmail.com.

³ Mestre em Educação (Uniplac). Especialista em Línguas Modernas e Interdisciplinaridade - Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Educação, Ciência e Letras de Paranaíba (FAFIPA). Graduado em Letras, línguas portuguesa e inglesa pela Uniplac. Orientador do trabalho. E-mail: caducanani@hotmail.com.

⁴ Pós-graduando em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Araraquara (Uniar). Graduado em Jornalismo pela Uniplac e professor do curso na mesma instituição. Coautor do trabalho. E-mail: luizhenriquezart@hotmail.com.

literário, além de apresentar o autor analisado. Ainda, este artigo trata-se de um recorte de um trabalho de conclusão de curso de graduação em jornalismo.

A escolha de tal proposta se deu a partir do interesse de tratar do tema jornalismo literário por meio de uma vertente teórica na qual duas áreas distintas do conhecimento, literatura e jornalismo, se aproximam no intuito de contar histórias do cotidiano de uma maneira mais sensível e atenta aos detalhes. Isso é possível quando pelo viés literário se tem a poesia e o encanto das palavras, e, pelo jornalístico, o objetivo de narrar histórias.

Por sua vez, percebe-se a relevância científica deste estudo quando se comprova que há poucas pesquisas disponíveis no campo do jornalismo literário, como de Kapuściński. Assim, o presente trabalho pretendeu também aumentar o número de pesquisas nessa área, e também sobre o autor estudado, uma vez que existe uma notável lacuna teórica em relação à análise das obras de Kapuściński, sob o olhar do jornalismo literário.

Jornalismo Literário

O jornalismo literário apresenta-se como uma forma alternativa de se fazer jornalismo, e vem resgatar o que de melhor a literatura proporcionou para o meio jornalístico, o material humano na forma de narrar. E não somente em parte do mundo,

Da China ao Brasil, da Escócia à Austrália e da Finlândia à Nova Zelândia, o Jornalismo Literário internacional se estabeleceu como uma das mais significativas e controversas formas de escrita do último século – significativa porque frequentemente aumenta nossa consciência sociopolítica sobre as pessoas que são privadas de seus direitos e desprivilegiadas; e controversa porque sua ênfase na voz autoral compromete nossa fé em sua afirmação de credibilidade. Contudo, na era das notícias eletrônicas, quando preocupações sobre contagem de palavras ou extensão das matérias quase se tornaram coisas do passado, o Jornalismo Literário parece pronto a revolucionar nossa maneira de ler e apreciar a literatura (BAK, 2017, p. 231-232).

Característico de uma narrativa carregada da presença do autor/jornalista, o jornalismo literário sofre com críticas perante a veracidade dos fatos, ao considerar que o texto pode não seguir um dos requisitos básicos do jornalismo: a neutralidade no momento de contar o fato. Antes de defender essa acusação, necessário é conhecer

melhor o jornalismo literário. Há definições que o tratam como forma singular de ser, como aponta Lima (2004, p. 183, grifos do autor):

Os norte-americanos aplicam como o termo jornalismo literário para designar a narrativa jornalística que emprega recursos literários. Os espanhóis a denominam de periodismo informativo de *creación*. Esse emprego é necessário porque, para alcançar poder de mobilização do leitor e de retenção da leitura por sua parte, a narrativa de profundidade deve possuir qualidade literária.

Essa qualidade literária diz respeito à presença de detalhes - que não só despertem o interesse do leitor, mas que importem para ele, e, mais do que isso, possuam significância e relevância pessoal. O que é colocado em discussão é a maneira como o profissional deve agir para chegar até esses detalhes ou, então, passá-los de modo que transmita a sensibilidade de cada pormenor que construirá o fato por completo, a tal da subjetividade. Diante disto, o que seria o jornalismo literário? Há teóricos que o caracterizam apenas como um texto de maior predominância do adjetivo, o que o faz superficial. Pena (2013, p. 21) define

[...] como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia.

Como visto, o autor abre a possibilidade de um texto com a presença de aspectos que possam fugir do relato estritamente real do fato, porém, não deixando de estabelecer com este, níveis de verossimilhança e, complementa ainda que não se refere apenas a um gênero resultante de outras duas vertentes distintas, mas sim um gênero único, que utiliza de características de ambas áreas, porém, de modo singular e ainda, carregado de musicalidade. Não somente Pena (2013) como também Borges (2013, p. 190) defendem a ideia, ao ditar que este campo de atuação informa sobre o acontecimento, mas sua vertente literária “permite que, implique acontecimentos não visíveis, mas prováveis a partir do que é visível; não inventados, mas deduzíveis a partir do que foi testemunhado; não absolutos, mas pertinentes, ainda que relativos”.

Assim, não se trata apenas do compromisso com a verdade irrefutável, mas de buscar métodos que transmitam o que o entrevistado está sentindo, que trate do “[...] perfil humanizado, que se caracteriza pela abertura e proposta de compreensão ampla do entrevistado em vários aspectos, do histórico de vida ao comportamento, dos valores aos conceitos” (LIMA, 2004, p. 93). Isso proporciona ao leitor uma visão ampla dos personagens, assim como de seu comportamento, personalidade, problemas e de sua realidade.

Diante disso, o jornalismo literário não irá pecar com a função social da profissão, mas torná-la mais próxima das pessoas, de suas histórias de vida. Ele usa de artifícios da literatura, mas não deixa de manter o verossímil na narração, o que permite a dedução e a interpretação, sem que haja a ausência do universo do ocorrido. Busca-se sentir a história por meio da entrevista. “Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há pauta fechada castrando a criatividade” (ibidem, p. 107). A partir da entrevista:

O indivíduo que é tema de uma reportagem de viés literário tem sua história de vida, seus atos precedentes que indicam padrões de comportamento, preferências e manias, a forma pela qual circula em seus ambientes (casa, trabalho, bairro) seus pensamentos e valores e o que mais parecer interessante ao narrador vasculhados na apuração (BORGES, 2013, p. 230).

Isso permite maior entendimento do acontecimento, seu contexto e as reações que ele suscita. São verificados gestos, olhares, pausas e até silêncios, dos quais caberá a interpretação, para tentar compreender pensamentos, ao estabelecer correlações e inferências. Para tanto, o profissional deve possuir conhecimento necessário para construir conexões com as perguntas certas. A solução é fugir da simples declaração e inferir na liberdade de

[...] intuir, pressentir, farejar e entrar na história “pela porta dos fundos”. Essa entrada subentende ousadias que o jornalismo hegemônico, não raro, critica e despreza. Um conhecimento mais profundo sobre os indivíduos participantes do relato é uma dessas alternativas, incluindo o mapeamento de traços de personalidade, históricos de ações realizadas no passado, opiniões de pessoas próximas sobre hábitos, temperamentos, manias, obsessões. Isso dará um retrato mais completo dos fatos e de seus atores, cadenciando descrições físicas com comentários de cunho psicológico, indo além

do emprego de técnicas de perfil, sendo deixando claro tratar-se de um recurso narrativo (ibidem, p. 243-244).

Essa liberdade de inserir-se na vida do entrevistado permite ao jornalista sentir na pele o que o indivíduo está vivenciando. Portanto, acredita-se e espera-se que o viés de produção jornalística e literária ganhe força para que as pessoas sintam que, ao ler uma matéria, estarão lendo gratificadas. E não se pode esquecer que, “o Jornalismo Literário continuou e continuará a fornecer a intimidade, a sutileza e a arte que precisamos para entender o mundo e nossos tempos” (BAK, 2017, p. 241).

Para exemplificar este modelo de jornalismo, apresenta-se Ryszard Kapuściński. Um historiador que exercia a profissão jornalística, sob olhares que resultavam em literatura o material que produzia. Esse conteúdo, um compilado de suas vivências nas diferentes nações em que esteve presente, participando das atividades as quais narrava. O polonês do jornalismo de detalhes traz na pele e nas páginas de suas obras o próprio jornalismo literário.

Ryszard Kapuściński e o jornalismo em forma de poesia

Ryszard Kapuściński, polonês nascido na cidade de Pinsk, em 1932, tinha como característica nata a humildade e o respeito ao próximo. Antes mesmo de sua formação acadêmica, Kapuściński já ingressara em uma profissão aos 17 anos, na revista *Hoy y mañana*, em que começou escrevendo poemas. “Ele conta que assim que terminou o colégio começou a trabalhar como jornalista” (BERGER, 2007, p. 179).

Já aos 18 anos, em 1950, Kapuściński deu início aos estudos em história pela Universidade de Varsóvia. Neste momento de sua vida, colaborou na revista *Sztandar Młodych* (jornal para os jovens). Ao terminar os estudos em História, Kapuściński começa a trabalhar no jornal *Sztandar Młodych* (Estandarte dos jovens), quando teve a oportunidade de sair do país pela primeira vez, rumo à Índia. Especializado em Arte, Kapuściński assume o posto de repórter pela Agência de Imprensa Polonesa, quando teve a oportunidade de sair da Polônia em direção à África, no ofício de correspondente internacional. A partir de então, o autor deu início à sua jornada de aprendizado e construção de conhecimento de sua própria maneira de ver o mundo, e ensinar importantes premissas que um jornalista deve seguir.

O autor defende a participação do jornalista perante aos acontecimentos, vivenciando-os e adquirindo intimidade, além de, ao mesmo instante, ter conhecimento do que está acontecendo além de seu território atual, manter-se informado e a par de “tudo”, sem deixar de contextualizar com os eventos que acarretaram aquilo e o que poderá acontecer. Também, deve existir a coragem de enfrentar o desconhecido, os medos; deixar de lado o preconceito, ser humilde e ter na mente a certeza de que as pessoas são a sua matéria prima e assim, independente de quem seja, da alta ou baixa sociedade, merece respeito da mesma forma. Esse modelo de jornalismo defendido por Kapuściński surge com o intuito de bater de frente com a superficialidade da imprensa, assim como afirma Sampio (2009, p. 62, grifos do autor):

Entretanto, antes essa espetacularização de impacto, *desativadora*, que se impôs na imprensa, a qual busca tão só a emoção do momento e anula a reflexão, existem também, no campo do jornalismo, olhares compreensivos sobre os conflitos do mundo. Um deles é o olhar de Kapuściński, empenhado em trazer à luz as raízes profundas que alimentam esses conflitos, sem esquecer que, por trás dos números, ocultam-se realidades humanas.

Olhares estes que visam a sensibilidade com o próximo, a compreensão para com aqueles que não a tem, a humildade com as pessoas que sofrem com os conflitos da sociedade e vivem em situações precárias sem que ninguém lhes dê visibilidade. Olhares que, como declara Sampio (idem), definem Ryszard Kapuściński como dono de um modelo de jornalismo ético, responsável e longe do tão aclamado objetivismo; além de construir-se em alicerces baseados em documentos, análises, sempre com a presença da literatura com suas palavras precisas. Assim, ao longo de sua carreira, Kapuściński não se manteve preso aos impedimentos que a imprensa estabelece ao jornalismo, o que possibilita a visualização de formas alternativas de se fazer jornalismo, através das pessoas que vivenciam na pele os acontecimentos, e não somente de autoridades.

Com o total de 21 obras, Kapuściński é dono de prêmios e nomeações. Entre elas, foi eleito no seu país o melhor jornalista do século XX, em 1999; recebeu o prêmio Príncipe das Astúrias, em 2003; Bruno Kreisky para livros políticos, na Áustria em 2004 e em 2005, foi doutorado *honoris causa* pela universidade catalã Ramón Llull. Devido a um ataque cardíaco, o escritor acabou falecendo em 2007, aos 74 anos. No final do ano anterior à sua morte, chegou ao Brasil seu último livro publicado, *Minhas viagens com Heródoto*, como uma despedida.

Em relatos do início de sua carreira como correspondente internacional, Ryszard Kapuściński mescla experiências das suas viagens pioneiras ao exterior com as narradas por Heródoto, que o acompanha em *História*, uma obra que o polonês ganhara de presente de sua chefe antes de partir para sua primeira viagem, rumo à África. *Minhas viagens com Heródoto* deixa para seus leitores a descrição de como foi o começo de sua profissão resultante do desejo de sair do país para conhecer o novo, enfrentar o diferente, aprender com outras culturas e vivenciar aquilo que estas comunidades têm de mais rico: a sua essência dentro de costumes, gestos, ações e apreços.

Análise da obra “Minhas Viagens Com Heródoto”

Depois de compreender conceituações sobre o jornalismo literário, além de apresentar o autor, agora interessa contemplar a análise da obra que é objeto deste estudo: *Minhas Viagens com Heródoto*. Para tanto, foram selecionados alguns trechos da obra escolhida. Para dar início à sua última história, a qual trata de como se deu o início de todas as outras, Ryszard Kapuściński (2006, p. 11) conta:

Antes de Heródoto partir numa viagem, escalando trilhas rochosas, navegando sobre o mar e cavalgando pelos desertos da Ásia; antes de encontrar os desconfiados citas, descobrir as maravilhas da Babilônia e estudar os segredos do Nilo; antes mesmo de conhecer centenas de lugares diferentes e ver milhares de coisas que a mente não consegue absorver, ele irá aparecer, por um breve momento, na aula sobre a Grécia Antiga que a professora Biezunska-Malowist ministra duas vezes por semana aos estudantes do primeiro ano de história na Universidade de Varsóvia.

Quanto aos aspectos do jornalismo literário, no excerto acima é visível a presença do autor/jornalista, a descrição dos detalhes, a presença de subjetividade e a contextualização do assunto, ao iniciar sua história com informações referentes a seu primeiro contato com *História*, de Heródoto, mas ainda não seria o contato definitivo. Kapuściński teve a obra de Heródoto em mãos, pela primeira vez, ao ganhá-la de presente de sua editora-chefe, ao ser indicado para uma viagem ao exterior. *História*, então, passaria a ser seu companheiro de viagem. O autor narra esse momento em seus mínimos detalhes, para que nada passe em branco:

Ao término daquela conversa, durante a qual fui informado de que partiria para o mundo, a senhora Tarlowska foi até um armário, tirou de lá um livro e, entregando-o a mim, disse: “Um presente meu para sua viagem”. Era um livro grosso, cuja capa dura estava coberta por um pano amarelado. Nela, em letras douradas, pude ler o nome do autor e o título: Heródoto. História (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 20).

No campo do jornalismo literário, o trecho tem a presença do autor/jornalista, da subjetividade, e da contextualização do assunto, da descrição dos detalhes que preza. Além da “descrição pormenorizada da cena que reporta, [...] une a esse esforço interpretação, imaginação sobre o que vê, observação, junção do verificável e do verossímil, da realidade aparente e da realidade possível e provável” (BORGES, 2013, p. 308). Assim, o autor confere ao leitor a visualização da cena descrita. Destaca, na descrição de *História*, que livros como este, “são tão apetitosos quanto um convite a uma mesa farta” (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 25-26).

Como se vê, trata-se de uma breve frase, porém, com um número consideravelmente grande de características literárias. A começar pelo trecho “tão apetitosos”, uma complementação do advérbio de intensidade “tão” com o adjetivo “apetitosos”, transmite, a quem lê, a certeza de um bom livro. Ainda, ao sugerir a comparação com “uma mesa farta”, traz a exposição das características de simbolizar a realidade, metaforizar os fatos, traduzi-los por meio de comparações, “encaminhamentos narrativos que o Jornalismo Literário não só admite, como estimula, unindo eficiência informativa e criatividade no cumprimento dessa tarefa” (BORGES, 2013, p. 308). Características que fazem brilhar os olhos ao lê-las em uma frase qualquer. Essas características são também visíveis quando Kapuściński fala de sua visão de dentro do avião, ao ingressar para a Índia, seu primeiro destino ao exterior:

Debaixo de mim, toda a enorme área que sobrevoávamos estava preenchida por luzes. Eram luzes intensas, que incomodavam os olhos, difusas e cintilantes. A impressão que se tinha era de que lá no fundo brilhava uma matéria líquida, cuja superfície resplandecente pulsava com luminosidade, se elevava e decaía, espalhava-se e se contraía, e que todo aquele panorama iluminado era algo vivo, cheio de movimento, vibração e energia (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 21).

Repleto de adjetivos e comparações, ao sugerir o objeto material como algo vivo, ainda com a narração em primeira pessoa sendo Kapuściński um narrador protagonista, o trecho traz as impressões do autor, suas interpretações, além dos

sentimentos e estados sob a situação. De suas experiências, o polonês emprega a comparação, novamente, ao tratar do confronto entre Leste e Oeste, ao afirmar que este

[...] não se limitava a aspectos militares – ele incluía todos os demais campos. Se no Leste se trajavam roupas leves, no Oeste, pelo direito de oposição, usavam-se as pesadas; se no Leste as roupas eram ajustadas ao corpo, o Oeste adotava a postura contrária – tudo tinha que parecer estar a quilômetros de distância. Os passaportes não eram necessários – de longe, podia-se reconhecer quem pertencia a que lado da Cortina de Ferro (ibidem, p. 22).

A partir da passagem, percebe-se um dos métodos de captação dos detalhes de Kapuściński. Ele não se limitava aos acontecimentos centrais, mas analisava as pessoas que viviam na pele esses eventos. Discursava sobre o que estas situações causavam na vida desses indivíduos, transcrevia suas características, gestos, emoções, modos de vestir, etc. Desta perspectiva, estes

[...] elementos próprios do discurso literário tornam-se centrais, como a descrição de ambientes e de personagens, a recriação de diálogos e situações, ou a apreciação do detalhe, através do olhar direto do cronista que reconhece em primeira mão aquilo que conta e é capaz de incorporar à voz daqueles que habitualmente não a tem no jornalismo convencional (SAMPIO, 2009, p. 67).

Por meio de tais características, aqueles que menos ganham visibilidade pela imprensa tradicional têm olhos e ouvidos de um jornalista formado em história à disposição. E assim como os aspectos literários auxiliavam Kapuściński a enriquecer o seu texto jornalístico, da mesma forma, o seu conhecimento como repórter acresce para a elaboração de suas narrativas, pois:

A parte crucial que a reportagem desempenha em toda narrativa, seja em romances, filmes ou não-ficção, é algo não tanto ignorado, mas simplesmente não compreendido. A noção moderna de arte é essencialmente religiosa ou mágica, e segundo ela o artista é visto como uma fera sagrada que, de alguma forma, grande ou pequena, recebe relances da divindade conhecida como criatividade. O material é meramente seu barro, sua paleta... Mesmo a relação óbvia entre a reportagem e o grande romance [...] é uma coisa que os historiadores da literatura abordam apenas no sentido biográfico. Foi preciso o Novo Jornalismo para trazer para primeiro plano essa estranha questão da reportagem (WOLFE, 2005, p. 26).

Diante disso, percebe-se que não só a literatura influenciou a escrita de Kapuściński, bem como suas técnicas de apuração das informações. E para atribuir uma denominação dos textos do autor pelos gêneros literários, nota-se que estão próximos de se considerar um romance, visto que “[...] ao mesmo tempo em que conta uma história, o romance conduz a uma reflexão, a um comentário, sobre o homem e o mundo” (LIMA, 2004, p. 255).

Vale pontuar um diferencial na narrativa de Kapuściński. Ao verificar que não há a presença de “identificações precisas, ele não informa sobre as datas dos acontecimentos nem reproduz declarações ainda que seus textos estejam repletos de dados, números e estatísticas” (BERGER, 2007, p. 183). Da mesma forma, não há elementos que informem quando o relato ocorreu, a não ser por turnos e lugares. Ainda, Kapuściński presa pelo contato próximo com a sociedade, o qual idealizou como método de trabalho, e bate de frente com o que o advento da internet provocou no meio jornalístico, o contato mecânico, sem interação, sem o que é humano.

A tecnologia, ao limitar o contato interpessoal a sinais eletrônicos, empobrece e asfixia a rica linguagem não verbal por meio da qual Negusi e eu nos comunicamos incessantemente, mesmo sem nos darmos conta disso. Esse linguajar sem palavras, que se baseia nas expressões do rosto e sobretudo em gestos sutis, é muito mais sincero e verdadeiro do que a língua dita ou escrita, já que ele não oculta nem mentiras nem falsidade. E foi por causa disso que a cultura chinesa, querendo permitir ao homem dissimular seus pensamentos perigosos, desenvolveu a arte da face imóvel, de uma máscara impenetrável e de um olhar vazio, uma cortina atrás da qual se podia esconder a verdade (KAPUŚCIŃSKI, 2006, p. 206).

Ao descrever sua interação com o motorista que o levava para onde desejava visitar, Kapuściński defende a comunicação não verbal e o que de mais sincero ela carrega: Olhares, expressões do rosto, movimentos e gestos. Ações que tornavam possível a compreensão de um com o outro sem a utilização de expressões, apenas duas, as únicas conhecidas pelo motorista no idioma inglês: *problem* e *no problem*.

Diante disso, é capaz de se ter uma breve concepção de como Kapuściński constrói suas narrativas. Estas recebem pontos de inspirações recebidas de Heródoto, a partir do livro *História*. Ao final da obra analisada em questão, Kapuściński descreve, a partir de três itens, como se dá a narrativa de Heródoto. Características que aprendeu a exercitar em seu próprio texto e que também deixa como dica para quem se dispor a

escrever uma bela história. Portanto, têm-se as particularidades sobre as quais o texto de Heródoto se constituía, assim como o de Kapuściński: As inúmeras experiências que construía suas bagagens culturais a partir da memória, resultantes dos fatos que vivenciavam e do interpretavam, sentiam e pensavam sobre tais ocorridos. Com isso, Kapuściński defende que:

[...] não foi a história real que lhe serviu de fonte em suas pesquisas, e sim aquela recontada, aquela transmitida pela sensibilidade dos que a ouviram, aquela memorizada de maneira seletiva e então recontada intencionalmente. Em suma, não se trata de uma história objetiva, mas da história que quis contar seu narrador. E não há uma saída para remediar as divergências de pontos de vista. Podemos tentar minimizá-las ou atenuá-las, sem jamais atingir a perfeição. A subjetividade e sua presença deformadora sempre farão parte da história. O nosso grego, ao se dar conta disso, toma algumas precauções retóricas: “como me foi dito”, “como afirmam”, “apresentam o assunto de formas diversas” etc. num sentido ideal, jamais lidaremos com uma história real – ela é sempre recontada, fantasiada, forjada e criada (Ibidem, p. 302).

O trecho resume o que o presente trabalho busca defender: que a objetividade dos textos jornalísticos, ditada pelos critérios que regem a imprensa tradicional, não representa que serão relatados em sua verdade total, pois os acontecimentos são sempre descritos a partir de visões e opiniões diferentes. Outro ponto em discussão direciona-se para as mudanças de pontos de vista, as quais acrescentam ao texto um número maior de reflexões acerca do assunto discutido. Com isso, Kapuściński deixa seu legado em histórias carregadas de subjetividade, detalhes e experiências das mais variadas situações, das quais defende o cidadão comum, aquele que é menosprezado pela alta sociedade, que sofre com as mazelas dos conflitos sociais e que sonha com simplesmente algo para saciar a sua fome.

Considerações Finais

A análise da obra *Minhas Viagens com Heródoto* foi apresentada com o objetivo de mostrar as características literárias presentes da narrativa de Ryszard Kapuściński. A partir de então, foi possível verificar de que forma os elementos da literatura podem acrescer para a produção de conteúdo informativo. Esse material é resultado das experiências vividas pelo autor, as quais resultam os inúmeros relatos repletos de

detalhes que possibilitam a visualização do ocorrido por parte do leitor. Uma maneira de escrever adotada por Ryszard Kapuściński.

Esse encanto das palavras não deixa de fora a emoção da vivência do profissional, ora da comunicação, ora da literatura ou, como no caso de Kapuściński, até mesmo de um historiador. E dessas experiências resultam os inúmeros relatos repletos de detalhes que possibilitam a visualização do ocorrido por parte do leitor. Uma maneira de escrever adotada por Ryszard Kapuściński.

Para inserir o autor no presente estudo, foi retratada um pouco da trajetória profissional do polonês, com fins de contextualizá-lo com a pesquisa. Ademais, a análise situa as demais conceituações e temas abordados referente a obra *Minhas Viagens com Heródoto*, sob prisma de teóricos da área. Logo, tais considerações referem-se a uma vertente teórica, o jornalismo literário, sob a obra de Ryszard Kapuściński, que trazem ao jornalismo alternativas que acrescentam em qualidade, humanismo, contextualização e detalhamento da informação.

Diante disto, enfatiza-se tamanho acréscimo que o presente estudo atribuiu aos conhecimentos do campo do jornalismo literário, até então, pouco conhecido. Foi-se capaz de verificar as inúmeras possibilidades de se produzir material jornalístico, ao levar em consideração o seu papel social na comunidade, quando este preza pela empatia com o cidadão. Ainda, pretendeu-se viabilizar a contribuição para as linhas de pesquisa na área, quando estas são escassas, pois o trabalho apresentou conceituações e exemplos dessa atividade.

Perante o exposto, é inegável a utilização das características do jornalismo literário, por parte de Kapuściński, em suas produções jornalísticas com tamanha sensibilidade, tanto na captação quanto na transcrição dos dados e informações, pois estes foram vividos e sentidos na pele do autor. Atrelado aos detalhes, o polonês comprova que é possível sim exercer um jornalismo de forma humana, que se importe com as pessoas, dê importância às vidas delas, assim como de suas ações, mesmo que conceituadas como não noticiáveis pela imprensa tradicional.

Desta forma, espera-se que essa alternativa da atividade jornalística, assim como as demais que prezam pela qualidade da informação, não deixe de existir e continue sendo defendida pelos amantes da prática. Que o jornalismo possa ser mais que factual, mas que possa ser também poesia para os olhos de quem lê e também de quem escreve.

REFERÊNCIAS

BAK, J. S. **Rumo a uma definição de Jornalismo Literário Internacional**. Brasília/DF - V. 13 - N. 3 - Dezembro – 2017.

BERGER, C. A verdade histórica, poética e transcendente do jornalismo de Kapuscinski. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. IV, Nº1, UFSC, 1º Semestre de 2007.

BORGES, R. **Jornalismo Literário: análise do discurso**. V. 7. Florianópolis: Insular, 2013.

KAPUŚCIŃSKI, R. **Minhas Viagens com Heródoto**. Entre a história e o jornalismo. SP: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manoele, 2004.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SAMPIO, Dolors Palau. **Kapuściński: guia para uma análise crítica das notícias sobre conflitos internacionais**. Comunicação e Educação. Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. Número 2. São Paulo, 2009.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.